

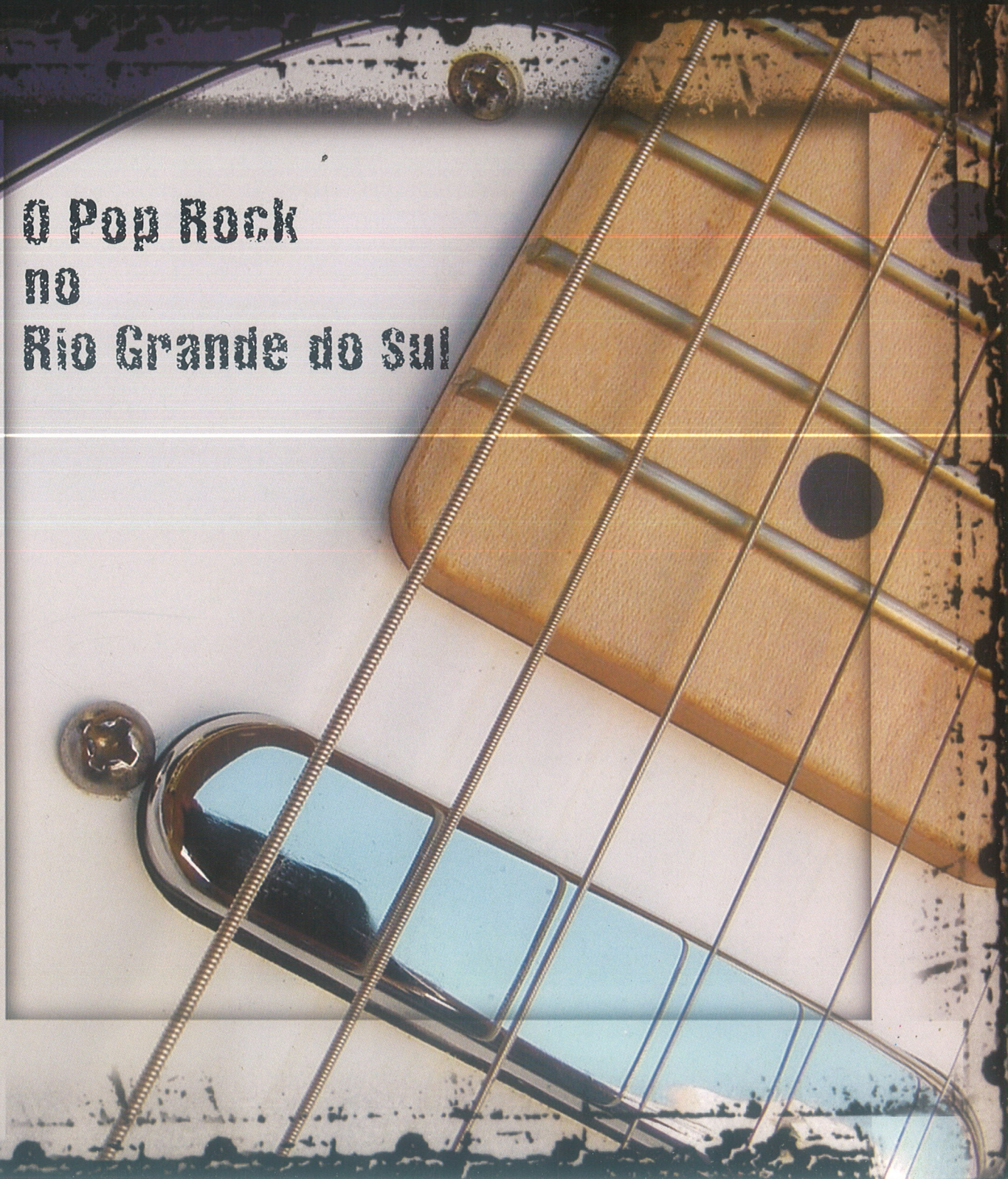
CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 12

**O Pop Rock
no
Rio Grande do Sul**





Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Busetti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago

ALCANÇO

Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcance Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/ 1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcanço.com.br / e-mail: alcanço@editoraalcanço.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filha), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Silvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Aírton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



O Pop Rock no Rio Grande do Sul

Este fascículo constitui uma exceção neste projeto. Em 1993, a Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre editou importante série de fascículos com CDs encartados sobre a história da música da capital gaúcha. Tocou ao jornalista Gilmar Eitelwein a tarefa de realizar o número relativo ao rock de Porto Alegre. Para a nossa série, Gilmar também colobarava e, nesta parte, seu fascículo era uma das bases da pesquisa. Com o "andar da carroça", concluímos que seria uma redundância reescrever algo que estava já pronto e muito bem realizado. Gilmar, gentilmente, concedeu que utilizássemos a íntegra de seu trabalho, apenas atualizando o período posterior à edição original. A SMC/POA, através da Coordenação de Música, também deu força e, graças à boa vontade de todos, está aí este material fundamental para o entendimento dos caminhos que levaram o Rio Grande a ter uma posição singular no panorama pop brasileiro.

Reforçamos, ainda, as palavras de Gilmar no que se refere ao papel do "Liverpool", do "Bixo da Seda" e de "Os Brasas" nesta história toda. É preciso render todas as homenagens possíveis a estes pioneiros. Ali está a síntese da gênese do rock gaúcho. É justamente por esta razão que este fascículo está estrategicamente colocado no número 12, correspondendo aos anos 60, exatamente onde tudo começa, trazendo este fio de história até o ano 2001.

Neste início de século XXI, o conceito de rock está modificado e mais abrangente em gêneros e estilos. Trata-se de um fenômeno mundial, sobre o qual ainda muito se debate. Predomina a tese de que o rock foi engolido pela música pop genérica de todo o planeta. Há, porém, quem defenda o contrário.

No Rio Grande, estas informações foram decodificadas sob uma ótica peculiar. Uma piada corre na Internet, dizendo que aqui é o único lugar do mundo onde ainda existe rock e comunismo. Gracinhas à parte, dificilmente um gênero musical dissocia-se de atitude, e isto a rapaziada tem de sobra nestas plagas desde Mimi e Fughetti, passando por "Taranatirica", "Bandaliera", "TNT", "Engenheiros", "Nenhum de Nós", até chegar aos novos incluídos neste fascículo.



Cronologia: O Pop Rock no Rio Grande do Sul

Anos 50

O rock'n roll estourou nas paradas dos Estados Unidos, com Bill Haley em 1955, embora, para registros históricos, ele esteja vinculado à primeira gravação de Elvis Presley, em setembro de 1953, num acetato de dez polegadas. Música de grande combustão, mexeu com os quadris e a cabeça de todos. O rock'n roll é resultado da fusão do *blues* negro com o *country* e o *western* dos conquistadores brancos, mas aconteceu através de artistas brancos, cantores empunhando guitarras, rebolando e incitando o público à dança. Em 55, o novo ritmo dominava as paradas de sucesso americanas, posição que nunca mais iria perder.

No Brasil, o rock'n roll desembarcou via cinema, em fins de 56, com a música *Rock Around The Clock*, puxando a trilha sonora do filme "Sementes da Violência" (Blackboard Jungle). A primeira reação da indústria nacional foi copiar o novo gênero, regravando o sucesso com artistas nacionais. Assim, uma cantora de fossa, Nora Ney, gravou, em fins de 56, *Rock Around The Clock*. Em inglês, naturalmente. Mas o novo ritmo tomou força mesmo, com a chegada do filme "No Balanço das Horas" (*Rock Around The Clock*), que estreou no centro do país, em janeiro de 57 e, em Porto Alegre, em fevereiro. Quando foi gravado o primeiro rock brasileiro naquele mesmo ano (*Enrolando o Rock*, de "Betinho e Seu Conjunto"), as reações contrárias nos meios de comunicação e na sociedade já eram fortes. E assim, os primeiros sucessos comerciais do rock no Brasil seriam baladas românticas, entre elas *Diana*, de Paul Anka, na voz de Carlos Gonzaga.

Porto Alegre não presenciou as mesmas reações do Rio e São Paulo ao filme "No Balanço das Horas": a rapaziada pulando nas poltronas, rasgando cortinas,



Conjunto Melódico Mocambo

Anúncio do Correio do Povo registra estréia do filme "Ao Balanço das Horas".

berrando, batendo os pés e assoviando adoidado, ousando levantar as saias das garotas, enfrentar os seguranças e desafiar a polícia para dançar rock'n roll nas ruas e calçadas. Até porque o filme chegou aqui acompanhado da proibição aos menores de 18 anos, forma encontrada pelo juizado brasileiro para controlar um possível clima de "histeria coletiva" que se anunciava via imprensa. "O novo ritmo, de estranha sensação e trejeitos exageradamente imorais, exerce influência maléfica e prejudicial à juventude", justificaram os homens da lei.

O clima de delinquência juvenil, que transparecia nos filmes de James Dean e Marlon Brando, o visual (jaqueta de couro, calça jeans justa, cabelo engomado geralmente com topete), a postura de contestação (jovens entregando-se à violência, às bolinhas e às experiências sexuais) e aquele ritmo alucinante do filme "No Balanço das Horas", fascinaram a garotada que crescera curtindo filmes de cowboys nas matinés.

Vêm, daquela segunda metade dos anos 50, as primeiras informações de bandos de motoqueiros desfilando pela cidade. Reuniam-se no centro, junto à Praça da Matriz e nas esquinas da Cidade Baixa, trajados a rigor, incluindo correntes, soqueiras e o "pega-rapaz" - cacho de cabelo pendente na testa. Com suas garotas ("bagulhos") na garupa, rumavam para a zona sul, na beira do Guaíba, onde freqüentavam bares, como o Pic-Nic, no bairro Espírito Santo, as áreas próximas ao Sava Club, em Assumpção e a SABA, na Tristeza, para ouvir e dançar rock'n roll. Mas



eram poucos. As novidades em discos estavam em algumas lojas ou eram trazidas por amigos que viajavam ao exterior.

A cena musical de Porto Alegre era dominada pelos conjuntos melódicos que animavam bailes e festas. Os *crooners* enriqueciam seus repertórios com canções de Frank Sinatra, Bing Crosby, tangos de Gardel, blues lentos (ou foxes) de Nat King Cole, instrumentais da "Orquestra de Glenn Miller", a *big-band* de Perez Prado, a música romântica italiana e os sambas nacionais dos pesados discos de 78 rpm, enquanto garotos e garotas embriagavam-se com cuba-libre. A virgindade era tabu; o uso do biquíni, o assunto das rodas de fofoca e das revistas; a lambreta, a moto-símbolo da nova geração. Nas prateleiras dos primeiros supermercados, desembarcavam marcas famosas, e as calças jeans eram adaptadas ao padrão nacional pela Far West.

Os melódicos mais famosos eram o "Norberto Baldauf", o "Renato e Seu Conjunto", o "Flamboyant" e o "Flamingo". Tocados pelo sucesso do novo ritmo nos Estados Unidos, a maioria tratou de incluir o *hit* maior - *Rock Around The Clock* - em seus repertórios. Alguns iam mais a fundo e tratavam de tirar o disco do novo astro Bill Haley inteirinho (o LP *Bill Haley and His Comets* chegara logo após o estrondoso sucesso do filme "No Balanço das Horas"). Caso de "Poposky e Seus Melódicos", que trazia a formação básica dos melódicos da época: acordeom e/ou piano (Cláudio Slotowsky), guitarra e/ou violão eletrificado (Olmir "Alemão" Stocker), contrabaixo acústico de pau (Etevaldo Slotowsky), saxofone (Vladimir Latuada) e bateria (Carlos Calcanhotto). O que diferenciava alguns conjuntos da época era apenas a utilização ou não de instrumentos de percussão, geralmente pandeiro e agê.

O conjunto "Poposky e Seus Melódicos" foi criado totalmente inspirado em "Bill Haley & His Comets". Foi também o primeiro a investir na linha de shows, deixando um pouco de lado a animação de bailes. Na boate Marabá, que ficava na Siqueira Campos quase esquina com a Ladeira, animaram festas inteiras só com rock'n roll, (instrumental naturalmente), porque nos 50, o rock em Porto Alegre não era cantado (e assim permaneceria até a chegada dos "Beatles"). Além dos sucessos citados, eles incluíam novidades recém chegadas dos Estados Unidos, como *Tutti Frutti*, do endiabrado Little Richard e o indispensável romantismo de *Only You*, dos "The Platters".

Outros conjuntos melódicos que acompanharam a nova onda foram o "Stardust" (liderado por Manfredo Fest) e o "Melódico Mocambo", formados em 1956 por rapazes entre 13 e 19 anos. O "Mocambo", liderado pelo quarteto Nicolau Kersting (piano), Gabriel Krause Almeida (bateria), Jocelyn Alencar (violão) e Gilberto Stone Braga (voz), enfrentou situações insólitas em seu pioneirismo ao tocar rock'n roll. Em 1958, foi-lhe proibido executar aquela dança pecaminosa que deturpava os valores morais da so-

cidade, numa reunião dançante no colégio Cruzeiro do Sul. No meio da festa, o diretor transmitiu um recado ao conjunto: *Rock Around The Clock* estava barrada.

Em 1958, aparecem os irmãos Tony e Celly Campelo, puxando uma tendência acompanhada por Sérgio Muriilo, Wilson Miranda, Demétrius e outros. Eles comandaram a cena brasileira durante quatro anos, com roquinhos para a família como *Estúpido Cupido* e *Broto Legal*; todos eram versões de músicas internacionais. Em Porto Alegre, a brotolândia era filha do romantismo internacional, ainda expressada pelos crooners dos melódicos, cujo palco maior foi o "Clube do Guri", na Rádio Farrou-pilha. Sua estrela? Elis Regina. O rock'n roll autêntico de Elvis Presley, Chuck Berry e outros estava sitiado nas festas particulares e raríssimos programas em rádios. O ídolo maior do rock'n roll, Elvis Presley, somente alcançaria o público gaúcho com a chegada do filme "Saudades de um Pracinha" e a música *It's Now or Never*; em 1961.

NOTA 1 - um DJ norte-americano, branco, Alan Freed, inventou a expressão rock'n roll (algo como "deitar e rolar" que denotava o forte apelo sexual que vinha do blues), em 1951, em seu programa "Moondog's rock'n roll parties". A corrente mais forte e maior gênese do rock sempre foi o blues e seus primeiros autores, os verdadeiros pais do rock. Mas Elvis Presley foi o primeiro símbolo sexual e ídolo de verdade da juventude americana. Era branco e bonito. Elvis popularizou a nova música e trouxe atrás de si Jerry Lee Lewis, Carl Perkins, Little Richard, Chuck Berry e Bo Diddley, os três últimos compositores negros e verdadeiros artífices do novo gênero.

Anos 60

Até a chegada dos "Beatles", em 1963, o cenário musical em Porto Alegre foi uma extensão da década anterior. A juventude até curtia, principalmente nas festas, as músicas mais avançadas de Ronnie Cord (*Rua Augusta*) e Eduardo Araújo (*O Bom*) e também inspirava-se na formação moderna do conjunto "The Clevers" (mais tarde "Os Incríveis") e seu rock instrumental. A Jovem Guarda, segunda dentição do rock brasileiro, não teria peso decisivo nos caminhos do rock em Porto Alegre. Era considerada pobre, brega e suas versões, sem criatividade.

Nas esquinas do Centro e Cidade Baixa e em bairros como Partenon, Glória e IAPI, no início dos 60, a garotada, que gostava de um som e teve sua iniciação no rock ouvindo e dançando ao som dos discos de Elvis Presley, estava mais afim da bossa-nova. O som que surgia pelas esquinas dos bairros vinha do violão, gaita de boca, percussão em latas, garrafas e o que mais pintasse. Típicas rodas de samba de MPB.

Nas festas, porém, começavam a aparecer os primeiros quartetos de baixo-guitarras-bateria (mais adiante acrescidos de um sax), inspirados no rock instrumental de grupos ingleses e norte-americanos como "The Ventures" e



Os Dazzles

"The Shadows", modelos do primeiro conjunto de música "moderna" do país: "The Clevers". Entre eles estavam "Os Brasas", "Os Cleans", "Os Satânicos" (depois "Som 4") e o "Liverpool". A fórmula era um meio caminho entre os melódicos e as futuras *guitar-bands*: adaptar o *hit parade* da época para a forma instrumental, ressaltando guitarras e sax.

Os músicos que queriam formar um grupo começaram a procurar instrumentos e equipamentos construídos artesanalmente por seu Adão Martins e seu auxiliar Zé das Guitarras. A fábrica chamava-se Mil Sons e ficava no Partenon, próximo ao cine Miramar. Antes da famosa fábrica Nacional Giannini, a Mil Sons abastecia de guitarras e violões eletrificados todo o emergente mercado na capital. Apenas a Del Vecchio, em São Paulo, era mais antiga na fabricação de violões eletrificados. Da oficina de seu Adão, saiu a primeira guitarra fabricada no Brasil, em 59, e a primeira guitarra com alavanca do rock gaúcho, em 65, feita especialmente para o conjunto "Os Cleans".

Em 64, os três primeiros discos dos "Beatles" já animavam toda e qualquer festa na cidade. Mas sua fama ganharia novos contornos com a chegada, naquele ano, do filme "Os Reis do Iê-Iê-Iê" ("A Hard's Days Night"). Botinhas, calça apertada e, principalmente, cabelos compridos para os padrões da época, o visual dos "Beatles" aliou-se ao som para impulsionar o maior fenômeno musical já visto por estas terras. Em cada esquina e bairro de Porto Alegre, garotos formavam conjuntos para tocar "Beatles". Três anos depois, em 67, um levantamento catalogou aproximadamente uma centena de conjuntos e bandas atuando profissionalmente, apenas na capital: "The Brazilian Beatles", "The Best", "Os Minis", "The Coiners", "The Dazzles", "The Silvers", "The Hoolygans", "The Handsonnes", "The Saylor's", "The Dragons", "The Clevers", "Os Felinos", "As Brasas" e "As Andorinhas" (ambos só de mulheres), "Os Maníacos", "Os Boinas Azuis", "The Baby's", "Alfa & Beta", "The Thunder's", "Os Tímidos", "The Kinds", "Os Incendiários", "Os Alucinantes", "The Robinsons", "Os Corsários", "The

Tigers", "Os Corujas", "Os Morcegos", etc.

Numa escala infinitamente menor, aqueles jovens viviam o que acontecia com os próprios "Beatles". Havia público e muito trabalho. Não havia *business*, imprensa e gravadoras para registrar toda agitação. Eram mais do que o mercado poderia sustentar. Alguns artistas saíram direto daqui para o centro do país, deixando poucas recordações. Foi o caso da cantora Maritza Fabiani, espécie de subproduto de Wanderléa e Martinha, que as gravadoras garimpavam nos estados, no auge da Jovem Guarda. Ela gravou vários compactos entre 66 e 69. Entre eles uma versão de *Era um Garoto que Como Eu Amava os Beatles e Os Rolling Stones*.

Na recém inaugurada TV Piratini, dois programas de auditório e ao vivo, "Q Sucessos" e "Juventude em Brasa", faziam a fama de grupos, como "Os Brasas". No final dos 60, os remanescentes da Jovem Guarda e os primeiros grupos originais, como o "Liverpool", podiam ser vistos no programa "GR Show", comandado por Glênio Reis na TV Gaúcha. A Rádio Difusora apresentava, aos domingos pela manhã, um programa de auditório ao vivo: o Lacta Clube, sempre realizado em colégios e cinemas. Ali fizeram fama "Os Dazzles". Mas os programas na rádio e televisão davam prioridade àqueles que recriavam a Jovem Guarda.

A mídia e a grande imprensa somente se dariam conta do fenômeno em Porto Alegre, no seu auge, em 1966. Não havia consciência da existência de um movimento de juventude, que, se não articulado, pelo menos era numeroso.

1966 estava acabando quando os meios de comunicação registraram as primeiras passeatas estudantis contra a ditadura. Ao lado da notícia, os primeiros anúncios de refrigerante utilizando um jovem empunhando guitarra. Drogas, virgindade, homossexualismo e liberdade ainda não eram assunto para a turma ingênua do iê-iê-iê. Discussões ideológicas tomariam forma e teriam momentos importantes com o Tropicalismo.

Com os festivais de MPB, criava-se uma disputa ideológica entre a turma do rock de um lado, e da MPB de outro. Acusado de alienígena pelos intelectuais e estudantes nacionalistas, o rock continuava animando as festas. Os teatros e universidades permaneceram templos da MPB. A situação começou a mudar quando o Tropicalismo introduziu uma estética nacionalista para o pop-rock, misturando "Beatles" com Carmen Miranda. Essa visão também se passava na cabeça dos primeiros compositores de rock em Porto Alegre. Só que não havia espaço para expressá-la. A composição pop-rock apareceu com força na cidade, nos festivais universitários da Arquitetura, em 67 e 68, um amadurecimento dos festivais estudantis dos colégios Israelita e Bom Conselho de 65 e 66.

Quando os rapazes do grupo "Liverpool", amigos de infância do IAPI (um bairro classe média-média da

Zona Norte), começaram a se ligar na nova música brasileira que chegava via festivais na televisão e incluir músicas de Caetano, Gil e Edu Lobo em seus bailes e, ao lado de "Stones", "Steppenwolf", "Beatles" e "Byrds", conseguiram mexer com o público. O "Liverpool" tocava muito nas festas do Sindicato dos Metalúrgicos, e uma das músicas mais solicitadas era *Memórias de Marta Saré*, de Capinam e Edu Lobo.

"Os Cleans" e "Os Brasas" foram o estopim dos "conjuntos modernos" em Porto Alegre. O grupo "Os Cleans" surgiu, entre 62 e 63, no bairro Glória. Formado por estudantes entre 18 e 20 anos, fazia rock instrumental de guitarras, seguindo os passos de "Os Incríveis", o sucesso brasileiro naquele momento. Mais tarde, com o sucesso dos "Beatles", foi o pioneiro a introduzir vozes na interpretação do novo rock. "Os Brasas" apareceram na mesma época, no Partenon, quando ainda se denominavam "Os Jetsons" e eram liderados por um garoto-guitarrista de 15 anos, chamado Luis Vagner.

Em 66, ao vencer a etapa regional do Festival de Conjuntos de Jovem Guarda (onde se inscreveram aproximadamente mil grupos), "Os Cleans" seguiram para São Paulo onde participaram da etapa nacional do concurso. Classificaram-se em segundo lugar e abriram as portas para gravar três compactos e acompanhar o pessoal famoso da Jovem Guarda. Na volta, o novo cenário musical pós-tropicalista obrigou o grupo a investir em bailes, formando, numa fusão com "Os Dazzles" e "The Coiners", o conjunto "Impacto", exemplo mais famoso do sucesso comercial da geração "Beatles".

Sucesso nos programas locais de rádio e televisão, "Os Brasas" tinham subido, um pouco antes, para São Paulo e Rio de Janeiro, onde também acompanharam intérpretes famosos. Conseguiram lançar alguns compactos e um LP em 68.

Na mesma época, em 63, nas esquinas da Cidade Baixa, reuniam-se para tocar violão Hermes Aquino,



"Os Brasas" com Wanderley Cardoso.

Cláudio Vera Cruz e Renato Rodrigues (o Português). Eles formariam "Os Satânicos" e, mais tarde, o "Som 4". Participava daquelas rodas de som um garoto chamado Carlinhos Hartlieb. No IAPI, rolava a mesma história com os irmãos Milton (Mimi) e Marcos Lessa, Marco Antônio Luz (o Marquinho, também conhecido como Foguete), Vilmar Santana (Pecos) e Edson Espíndola, o Edinho.

Os três amigos da Cidade Baixa, após assistirem no cinema a um documentário sobre os "Beatles", em 63, resolvem montar uma banda inspirada no quarteto de "Liverpool". Compraram um violino, aproveitaram a caixa e mandaram seu Adão, da Mil Sons, construir um contrabaixo igual ao de Paul McCartney. "Os Satânicos" fizeram algumas apresentações, mas basicamente ensaiaram muito durante três anos. Tiraram o repertório principal dos "Beatles", ouvindo-os em 16 rpm, o que reduzia a velocidade e possibilitava copiar exatamente os solos de guitarra. Depois, para finalizar o processo de cópia, subiam um tom e aumentavam a velocidade dos solos. Para copiar o baixo, invertiam o processo. Durante um ano, entre 67 e 68, já como "Som 4", foram sucesso, realizando shows nos bailes animados por outros conjuntos. Sem uma estratégia para a carreira, acabaram pouco antes dos próprios "Beatles".

Os Garotos do IAPI faziam rodas de samba. O "Liverpool" já existia e era dirigido por um tal de Carruira, baixista que morava nas imediações da Assis Brasil. Como todos os outros grupos, tocava em festas. Mimi Lessa arranhava uma guitarra no "The Best", e Carruira convidou-o para tocar no "Liverpool" e aceitou que Mimi levasse junto o irmão Marcos e o amigo-cantor Marquinho. Quando Carruira desistiu do grupo, Pecos e Edinho vieram completar o grupo. Cem por cento IAPI, o "Liverpool" continuou animando bailes, mas eles estavam antenados ao que acontecia no país e ensaiavam com dedicação no clube da empresa Zivi, no Passo da Areia.

Em 68, o "Liverpool" participou do II Festival de MPB da Arquitetura, defendendo *Por Favor, Sucesso*, de Carlinhos Hartlieb. Venceu e ganhou o direito de participar do Festival Internacional da Canção no Rio de Janeiro. Lá, chamou a atenção para seu rock original, fusão de Tropicalismo, "Beatles" e "Rolling Stones" numa estética própria, gaúcha, com sonoridade mais requintada, séria, conseqüente. Contratado pela Rede Globo para acompanhar artistas do programa Som Livre Exportação (como Elis Regina e Ivan Lins), o "Liverpool" viajou por todo o país. Aclamados pela crítica carioca, os músicos desbundaram. Quando retornou ao sul, em 72, foi a primeira banda de rock a se apresentar no Teatro Leopoldina (hoje Teatro da Ospa) e a lotar o Araújo Vianna. O "Liverpool" foi tão bom quanto "Os Mutantes" e, na opinião de muita gente, musicalmente mais rico. Seu LP *Por Favor, Sucesso*, o primeiro original de uma banda gaúcha, é o disco mais importante do rock gaúcho dos 60. No



disco estão músicas próprias e de Carlinhos Hartlieb, Hermes Aquino e Laís Marques.

O Festival da Arquitetura, em 68, é a chave para entender o início do rock original de Porto Alegre, pois marcou o surgimento de autores, roqueiros na origem, que depois se fixaram nos terreiros da MPB. Músicos remanescentes do "Som 4", por exemplo, uniram-se ao "Alphagroup" para montar o grupo "Succo" que estreou no festival, apresentando um *happening*, trabalho performático e visual: jogava talco nos músicos da OSPA e galinhas no público. Outro grupo que apareceu no festival foi o "Primeira Manifestação da Peste", defendendo música de Wanderley Falkemberg. Este grupo misturava elementos cênicos de vanguarda com uma sonoridade pop urbana associada ao regional.

Esta idéia influenciou, no início dos 70, trabalhos como do grupo "Uma Mordida na Flor" e o espetáculo "Amelita Cabeça, Tronco e Membros", onde vários músicos se reuniram para trabalhar na fusão do regional gaúcho com música sul-americana, numa linguagem pop moderna, utilizando recursos multimídia, como audiovisual e músicas pré-gravadas. Nele apareceu o trabalho de novos compositores, como Carlos Eduardo Weirach (Mutuca), Cláudio Levitan, Flávio Chaminé, Roberto "Patota" Carvalho e Lauro Ney, ex-baterista do "Som 4". Na linha de sucessão, esse trabalho foi base para formação do grupo "Em Palpos de Aranha", do qual se destacou o guitarrista Zé Flávio. Nos 70, suas experiências desembarcaram no trabalho dos "Almôndegas", "Pentagrama", Joe Athanázio, Carlinhos Hartlieb, Bebeto Alves, "Musical Saracura" e outros.

Quando o "Liverpool" se transferiu para o Rio de Janeiro em 69, os tempos já eram diferentes. Quem não percebeu que o rock passava a se tornar cultura, virou apenas conjunto de baile. O "Liverpool" acabou no auge, em 72, por problemas internos, desbunde com o sucesso, drogas e repressão militar. Fughetti Luz se mandou para a Europa, caiu na estrada como um bom hippie. Edinho e Marcos ficaram no Rio; Mimi e Pekos permaneceram em Porto Alegre, onde, no início de 73, formariam o "Bixo da Seda".

NOTA 1 - Na passagem dos 60 para os 70, os novos tempos se anunciavam no destino dos viajantes do filme "Easy Rider", na trilha da peça "Hair", nos primeiros acordes de Jimi Hendrix, no grito de Janis Joplin e na liberdade do festival de Woodstock. Bem-vinda a *head music*, o rock progressivo de "Pink Floyd" e "Yes", o jazz-rock de Miles Davis, o *heavy-metal* e o *hard rock* de "Led Zeppelin", "Black Sabbath" e "Deep Purple" e o blues branco do "Cream". Nos bastidores, as primeiras viagens de LSD e as famosas "bolinhas" - pastilhas de estimulantes tomadas com álcool, para segurar as longas viagens noturnas. Nos shows, os primeiros baseados.

NOTA 2 - O rock gaúcho sempre foi mais identificado com o comportamento e o som das bandas inglesas. As razões repetem os clichês: a semelhança no clima, a nossa formação

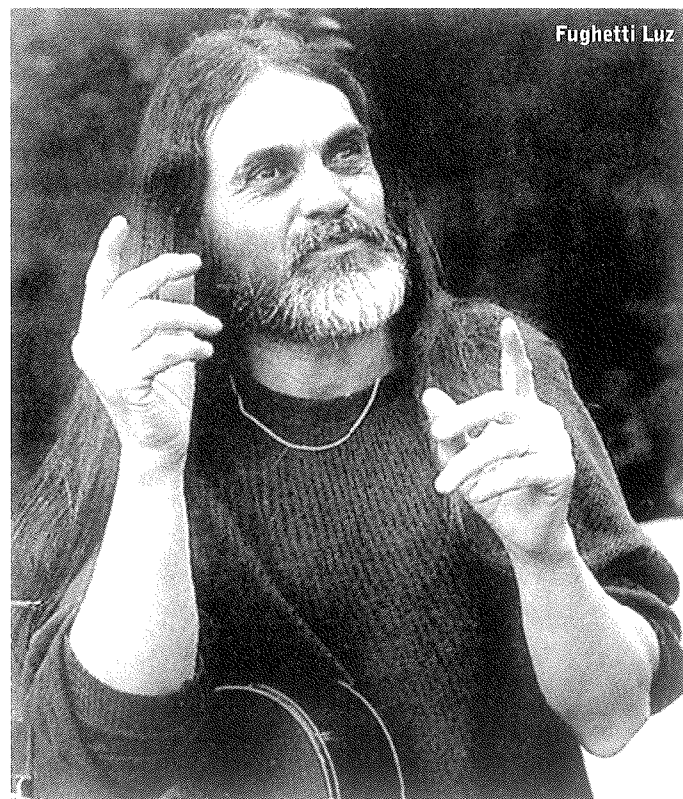
mais européia, o jeito mais cavalheiro, gentil e interessante dos ingleses e, claro, os "Beatles". Os grupos de esquerda ajudavam a construir a imagem dos norte-americanos como agressores imperialistas. A Jovem Guarda desfrutava as benesses do sistema, o que roqueiros, estudantes e jovens intelectuais jamais engoliram.

NOTA 3 - Os clubes foram o palco para os conjuntos "modernos", filhos dos "Beatles", nos anos 60. Caminho do Meio, Independente, União e Progresso, Dinamite, Ginástica, Navegantes-São João, Gondoleiros, Gaúcho, Partenon, Sociedade Libanesa, Israelita, Teresópolis e muitos outros proporcionaram um movimento de alta rotatividade. Promoviam reuniões dançantes e bailes sextas, sábados e domingos, intercalando dezenas de atrações, geralmente de quatro a cinco numa mesma noite. Os grupos saíam de um clube e seguiam para outro, montando e desmontando sua própria aparelhagem. Cabiam todos dentro de uma kombi.

NOTA 4 - Os músicos que abriram os caminhos para o rock, nos anos 60, não ganharam dinheiro. Tocaram por prazer e contribuíram, enormemente, para divulgar os grupos estrangeiros, principalmente os "Beatles".

NOTA 5 - Com a beatlemania, o rock'n roll dos 50 transformou-se em rock apenas. No final dos anos 60, ele se espalhou e se diluiu em uma dezena de tendências nos Estados Unidos e Europa. Internacionalizou-se como produto comercial, lançando moda em comportamento e visual. Tornou-se cultura.

NOTA 6 - O registro fonográfico dos 60, no Rio Grande do Sul, é muito pequeno, quase insignificante diante do que se passou. Está resirito a dois LPs ("Liverpool" e "Os Brasas") e alguns compactos dos "Cleans", Hermes Aquino, Laís Marques, "Liverpool", "Os Brasas" e da cantora Maritza Fabiani.





Anos 70

Em 1970, John Lennon anunciava: o sonho acabou! As mortes de Hendrix, Janis Joplin e Morrison sinalizavam o excesso. O rock virava trilha sonora da interminável viagem. As drogas, uma afirmação. No Brasil, a juventude oscilava entre o desbunde e a luta contra a repressão. O rock virava atitude e contestação. Os hábitos hippies moldavam o comportamento da turma em Porto Alegre: horas e horas curtindo um som, conversando sobre o universo, fechando mais um baseado. Woodstock mudou as cabeças, os estilos, e as fontes do rock se multiplicavam. Não havia mais espaços para imitações. Era preciso criar.

Não havia palco para as bandas, nem gravadoras. A direita, a doideira e o desbunde de alguns com as drogas e o clima de repressão política contribuíram para que o rock continuasse indigesto para o *establishment*. A esquerda cobrava dos músicos engajamento na luta contra a ditadura. Os roqueiros eram considerados alienados.

Em palco, não havia bons instrumentos ou sistemas de sonorização e iluminação convincentes. A evolução tecnológica tornara os equipamentos sofisticados e muito, muito caros; os produzidos no país deixavam a desejar em termos de qualidade. A banda mais importante da década, o "Bixo da Seda", gravaria somente em 76, mesmo lotando com facilidade um teatro como o Leopoldina.

Em 1972, no Julinho, aconteceu o primeiro festival de rock da cidade. No mesmo ano, o Musi-Puc, no campus da PUC, (desdobramento dos festivais da Arquitetura) que nas suas várias edições conseguiu manter o trânsito musical universitário. Mais voltado à MPB, sua quarta edição, em 75, revelaria uma nova geração de músicos e compositores, entre eles "Almôndegas", "Inconsciente Coletivo", Gilberto Travi, Zezinho (Joe) Athanázio e Léo Ferlauto. Uma turma que transitava na fusão da MPB e do regionalismo com o pop, vias já então identificadas com o rock. Em todo mundo, o rock se tornara um oceano de informações musicais, assimilando jazz, funk, reggae, *calypso*, *heavy*, a *folk-song* americana. Nas festas da capital, ouviam-se (em discos ou "covers" de bandas que fizeram a travessia da década tocando bailes) sons de Santana, Joe Cocker, "The Who", "Crosby, Still, Nash & Young", Bob Dylan e outros.

A Continental AM introduziu na rádio uma linguagem arejada, jogando no ar informações bem-humoradas e muita música: abriu espaço para que os grupos locais mostrassem seus trabalhos. As fitas ficavam rodando direto na programação. O sucesso imediato provou que havia público ávido por música e por um *talk show* mais descontraído, tão usual nas FMs modernas. O sucesso abriu espaço para as "Rodas de Som" no Teatro de Arena. Criadas por Carlinhos Hartlieb, elas mostrariam o som do pop porto-alegrense. A estréia foi no início de 75, com o "Bixo da Seda", à meia-noite.



Cartaz de show de Mutuca.

Os auditórios da Assembléia Legislativa e da Faculdade de Arquitetura, o Teatro Leopoldina, o Teatro de Câmara e o Clube de Cultura abrigavam shows variados, coletivos e individuais. A grande imprensa - Correio do Povo, Folha da Tarde e Zero Hora - começava a abrir espaços em reportagens especiais. A partir desse novo cenário, firmaram-se, em Porto Alegre, "Byzzarro", "Utopia", "Mantra", "Cálculo Quatro", "Halai Halai", "A Barra do Porto", "Bobo da Corte", "Metamorfose", "Flor de Cactus", "Em Palpos de Aranha", "Alma de Borracha", Demian e vários compositores.

A agitação toda desaguou nos concertos "Vivendo a Vida de Lee", realizados em ambiente fechado, porque a censura não permitia aglomerações ao ar livre. O primeiro aconteceu em agosto de 75, no Teatro Presidente, reunindo 43 músicos em várias formações. Resultado: público saindo pelas laterais. Na seqüência, shows no Teatro Leopoldina e Auditório Araújo Vianna. Sempre lotados. Foram os maiores eventos de música pop em 75 e 76. Ao assentar a poeira, o "Almôndegas" tinha lançado dois LPs, Hermes Aquino era sucesso nacional com *Nuvem Passageira*, "Pentagrama" inovara no regional-pop acústico, Gilberto Travi estava contratado pela multinacional Warner e "Inconsciente Coletivo" e "Halai Halai" lançavam compactos pela Tapeçar.

Pipocavam novas bandas e influências, como a corrente do blues, liderada pelas bandas "Trovão" e "Rolla Blues". A crítica nacional anunciava o "Bixo da Seda"



como a melhor banda de rock do país, após o lançamento de seu único LP, em 76. A banda correu o país em shows ao lado de "Made in Brazil", "O Terço", "O Peso", Raul Seixas e Rita Lee.

Após o auge de 75/76, a ascensão foi interrompida. Entre as bandas, apenas "Bixo da Seda" conseguiu projeção nacional, seguindo a trilha aberta pelo "Liverpool". Não seria dessa vez, ainda, que a indústria do rock iria consolidar-se no sul. "Laranja Mecânica", "Lobos da Rua", "Kachimbus" e "Swing" deixaram alguma lembrança da segunda metade dos anos 70. Os espaços foram sendo ocupados, aos poucos, pela turma que fazia a ponte entre a MPB, o regionalismo e o rock. Entre eles, Carlinhos Hartlieb, Bebeto Alves e Cláudio Vera Cruz. A coletânea *Paralelo 30*, de 78, retrata o trabalho solo desses autores. A inexistência de um relacionamento mais próximo entre as duas tendências dificultou fusões e trocas de experiências que possibilitassem a busca de novidades sonoras para o mercado nacional.

Em 73, o guitarrista Zê Vicente Brizola juntou-se a Mimi Lessa, Pekos e Edinho Espíndola, remanescentes do "Liverpool", para montar o "Bixo da Seda". Além deles, chamaram o guitarrista/baixista Cláudio Vera Cruz. "O Bixo" começava a fazer público em shows aos sábados e domingos à tarde, no Clube de Cultura. Com uma sonoridade mais pesada que o "Liverpool", misturava rock pesado com progressivo, trabalhava com compassos dife-

renciados e viajantes, como o 6/8, inserindo um sotaque porto-alegrense às influências de "Pink Floyd", "Yes", "Slade", "Focus", "Humple Pie" e o lado mais roll dos "Stones".

Paralelamente ao "Bixo", destacaram-se os trabalhos das bandas "Byzzarro", "Khaos" e "Mao Mao". "Byzzarro" - a "Prosexo" rebatizada de Carlos Tatsch (guitarra) e Gelson Schneider (bateria), contando agora com a participação do baixista Mário Monteiro - trabalhava com influências do *hard-rock* e *heavy metal*. A banda "Khaos", liderada por Charles Vianna, trabalhava com um som mais progressivo e linguagem multimídia nos shows: slides, projeções visuais e sons pré-gravados. A "Mao Mao" fazia a ligação *funk-rock* projetada em Woodstock por "Sly & The Family Stone". Enquanto isso, compositores como Wanderley Falkenberg e Cláudio Levitan, ao lado de grupos, como "Saudade Instantânea", seguiram, aproximando a MPB do rock. O "Saudade Instantânea" chegou a montar uma ópera-rock, "Eugeny", fato inédito em Porto Alegre. Mas ninguém gravou.

Ícone dos 70, o "Bixo da Seda" acabou em 79, novamente com os músicos sediados no Rio de Janeiro, tendo que optar entre o difícil mercado do rock original ou a servir de banda de apoio a outros intérpretes e gravar jingles. Fughetti Luz voltou a Porto Alegre, enquanto os outros permaneceram como músicos de apoio do grupo "As Frenéticas", que embarcavam na onda "disco". Em





Foto: Empresa Caldas Júnior

"Byzzaren" de Carlos Tasch

80, alguns de seus remanescentes ainda tentaram remontar o grupo. Mas não deu certo. A influência e importância do "Bixo" pôde ser percebida nitidamente nos anos 80. Duas bandas - "Bandaliera" e "Guerrilheiro Anti-Nuclear" - atravessariam a próxima década a bordo do repertório de Fughetti Luz e "Bixo da Seda", gravando três LPs. A própria retomada do rock gaúcho, no início dos 80, teve a ver com o rock do IAPI: a gravação de *Rockinho* (de Fughetti, que era do repertório do "Bixo") pelo "Taranatiriça", contribuiu bastante para a popularização do gênero.

O *punk rock* surgiu em 76 na Inglaterra. Seus estilos só chegaram em Porto Alegre no início dos 80. Quem estourou na cidade, em 77, foi a discoteque, ou "disco", na trilha do filme "Embalos de Sábado à Noite" (Saturday Night Fever). O palco foi tomado pelos discjôqueis (DJs), e a música mecânica começou a imperar. Resultado: MPB, rock, compositores, bandas, todos dançaram.

No limiar dos 80, a capital gaúcha assistiu ao aparecimento de um novo bando, fortemente arraigado no movimento universitário. Na MPB mais pop, Nei Lisboa capitalizava as atenções; na fusão do regional, rock e MPB, apareceu o "Musical Saracura", retomando o caminho que Carlinhos Hartlieb, Hermes Aquino, Bebeto Alves, Jerônimo Jardim, Ivaldo Roque, "Almôndegas" e outros vinham perseguindo desde o início dos 70. Grupos como "Swing" e "Hálito de Funcho" transitavam por "Beatles",

progressivo e *hard rock*. Remanescentes dos 60, como Cláudio Vera Cruz, Hermes Aquino e Zé Vicente Brizola, continuavam montando novos trabalhos - como o grupo "Eureka" - mas, mais a fim de se divertir.

No circuito dos shows em colégios - principalmente Rosário, Anchieta, IPA e Israelita - deram as caras uma dezena de bandas, revelando autores e músicos como Carlos Eduardo Miranda, Marcelo Truda, Laura Finochiaro, Lory Finochiaro, Ivo Eduardo, Justino Vasconcelos e Léo Henkin.

"Dzahgury", "O Beco", "A Nata", "Holandês Voador", "Caminhão Honesto", "Bosque das Bruxas" e "Chapéu de Cobra" foram grupos que tiveram em comum fazer progressivo jazz-rock, blues e rock básico. "Jethro Tull", "Gentle Giant", "Rush", "Nazareth" e "Supertramp" trouxeram os sons que fizeram a cabeça dos músicos.

Algumas bandas experimentavam sonoridades aleatórias, ruídos e colagens, anunciando os cacôs da próxima década. Principalmente o "Taranatiriça", que tinha uma sonoridade esquizofrênica, misturando de tudo, sem uma direção única. O sinal mais claro do rock, no limiar dos 80, era emitido pela vinheta de abertura do programa "Pra Começo de Conversa" da TVE. *Reverber* foi o primeiro sucesso do "Taranatiriça", que iniciara fazendo rock progressivo e instrumental juntamente com o "Raiz de Pedra" e o "Cheiro de Vida" (estes trilhando mais os caminhos do clássico, do jazz e do *junk*). O "Tara Instrumental" era liderado pelo tecladista Carlos Eduardo Miranda e o guitarrista Marcelo Truda. *Reverber* foi a primeira música a rodar bem na Bandeirantes FM (futura Ipanema). O DJ Ricardo Barão, que tinha vindo da Cultura Pop (a primeira FM pop de Porto Alegre), fazia um programa basicamente com rock pesado internacional nos fins de noite.

NOTA 1 - Nos anos 70, o rock foi feito por idealismo. Os músicos carregaram nas costas não apenas o peso da repressão militar como seus próprios instrumentos e aparelhagens de palco.

NOTA 2 - O rock de Porto Alegre, nos anos 70, não ficou distante da MPB de vertente universitária que apareceu nos festivais. Muitos músicos e compositores transitavam pelos dois lados com desenvoltura. Mas a disputa ideológica existia de fato: roqueiros de um lado, MPB e bossa-nova de outro.

NOTA 3 - Nenhuma gravadora apostou num mercado local para o rock gaúcho. A discografia existente até o final dos 70 é ridícula. Pode-se computar, pra valer, apenas os discos do "Liverpool" e "Bixo da Seda", lançados por gravadoras nacionais. Muitos trabalhos ficaram perdidos no meio do caminho.

Anos 80

Os 80 começaram com a MPB de vanguarda de Arrigo Barnabé, cheia de polirritmias e atonalismos. A banda "Gang 90" fez um rock bem-humorado, tropica-



lista; a carioca "Blitz" detonou o som nacional da década com *Você Não Soube Me Amar*, um rock pós-ditadura, irreverente, sem preconceitos, misturando guitarras distorcidas com *rap* e samba de breque.

Em Porto Alegre, os clubes, palco da enorme agitação dos 60, continuavam fechados para as bandas. Após a febre da música "disco", houve um vazio. Em 81, desembarcaram na cidade vários músicos vindos do interior. O *power* trio "Vôo Livre", de Pelotas, lançou um LP independente de jazz-rock e progressivo que provocou comentários favoráveis: tratava-se do primeiro LP de rock totalmente produzido em Porto Alegre. Julio Reny estreou em teatro, com o show "Histórias Acústicas de Uma Guitarra Elétrica". O jazz-rock do "Raiz de Pedra" e o *funk-rock* do "Cheiro de Vida" chamaram a atenção, pela qualidade instrumental. Mostras coletivas, como o Projeto Unimúsica da UFRGS, comprovavam a diluição do gênero e sua interação com a MPB.

Algumas bandas ensaiavam shows em diretórios acadêmicos e teatros pequenos. Havia público, faltavam iniciativas, tanto que a rádio Bandeirantes FM aumentava sua audiência, dedicando-se ao pop rock internacional. No centro do país, o sucesso da "Blitz" despertou a mídia e a indústria fonográfica para o novo rock brasileiro. Resultado: de Brasília, São Paulo, Rio, Minas e Salvador pipocaram bandas que anunciavam uma nova poética, ousada e libertária, aproveitando sem pudores as boas fontes do MPB. "Magazine", "Paralamas do Sucesso", "Ultraje a Rigor", "Barão Vermelho", "Kid Abelha", "Titãs", "Camisa de Vênus", "Ratos do Porão", "RPM", "Ira!" e outros encontraram parentes imediatos no cenário porto-alegrense. Os alternativos da cidade trocavam o Alaska



pelo Ocidente, ambos na Osvaldo Aranha.

Em 1982, os *hits* da Bandeirantes eram *Reverber* ("Taranatiriça"), *Pra Viajar no Cosmos Não Precisa Gasolina* (Nei Lisboa) e *Cine Marabá* (Julio Reny). Nas esquinas da Osvaldo Aranha, próximo à Redenção e do recém-inaugurado Ocidente, transitavam os primeiros *punks*, *darks* e *rockers*. No Ocidente, rolava o som das últimas tendências do pop internacional. Em Caxias do Sul, o Cio da Terra, encontro da juventude universitária, tentava reviver o sonho de Woodstock.

Em 1983, no palco do bar Rockett 88, no bairro Menino Deus, a banda "Garotos da Rua" animava as noites com muito rock'n roll. Na galeria Art&Manha, no Centro, o grupo "Raiz de Pedra" mostrava jazz-rock. Na garagem do compositor Julio Reny, na rua Santana, várias bandas ensaiavam, trocavam formações e informações entre si: "Replicantes", "Urubu Rei", "Engenheiros do Hawaii", "Fluxo", "Atahualpa y Os Panques" e "Prisão de Ventre". No auditório da Assembléia Legislativa, a banda *new-wave* "Urubu Rei" uniu-se ao grupo teatral "Balaio de Gatos" para desafiar o público: pop performático em ação.

A movimentação do rock gaúcho aconteceu a partir de 84. No palco do Ocidente, as várias tribos que desfilavam pelo Bom Fim conheceram o *hardcore* futurista dos "Replicantes", o *new-wave* existencialista-sexual da "Fluxo" e do "DeFalla", o *rockabilly* adolescente do "TNT". *Rockinho*, um rock'n roll básico com cheiro de IAPI e "Bixo da Seda", estourou nas ondas do rádio com o novo "Taranatiriça". Casas de rock, com vídeos e palco para shows, surgiam em vários cantos da cidade. Na Cidade Baixa, Rola Rock e Belo Horizonte faziam programação intensa com vídeos internacionais de bandas





até então inacessíveis. As danceterias Taj Mahal (na Far-
rapos), 433 (na Auxiliadora) e B'52 (na Independência)
abriram seus palcos para o rock local e nacional. Templo
da discoteque nos 70, a danceteria Crocodilos pôs rock a
rodar: Paralelo 18, Todo Sujo de Batom, Kilt Pub, Side-
ral, Baton Neon, Kafka Bar, Theatro Mágico, Opinião,
Terreira da Tribo, Escaler. Bares e danceterias em todos
os cantos da cidade passaram a abrigar uma única
trilha sonora.

A explosão do rock gaúcho teve seu auge entre 84
e 85. A gravadora ACIT de Caxias do Sul lançou a coletâ-
nea *Rock Garagem*, reunindo doze bandas numa coletâ-
nea fundamental para a compreensão da década: "Tara-
natirica", "Urubu Rei", "Garotos da Rua", "Replicantes",
"Astaroth", "Leviaethan", "Frutos da Crise", "Fluxo",
"Valhala", e "Moreirinha e Seus Suspiram Blues", com
influências do rock'n roll inglês, *new-wave*, gótico-dark,
punk-hardcore, *heavy-metal*, *trash-metal* e do blues bran-
co norte-americano.

Ligados no sucesso do teatro Circo Voador, no Rio,
foram montadas duas lonas de circo para shows: o Esca-
ler Voador, na Cidade Baixa, e o Tropical, no Menino
Deus. Os circos não passaram do primeiro ano. Ao mer-
cado em ebulição faltava solidez.

Somente no final dos 80 apareceria a onda "cover",
revival descarado que misturou interesses comerciais com
sobrevivência no trabalho. O Brasil, a partir de 85, tornara-
se centro das atenções mundiais com a realização do I
Rock in Rio. Mídia e indústria fonográfica passaram a
acreditar no potencial comercial do rock. Surgiram re-
vistas especializadas, como a Bizz, e muitos programas
de rádio e televisão.

Em 85, foram lançadas mais duas coletâneas impor-
tantes: *Porto Alegre Rock*, da gravadora Pialo, registrava
o trabalho *mainstream* de Fughetti Luz, "Byzzarro"
(remanescente dos 70), "Vôo Livre", "Astaroth", "Banda-



liera", "Pupilas Dilatadas", "Sodoma", Lionel Gomes e
"V-2", todas dedicadas ao *hard rock* progressivo, *metal*
punk e rock'n roll via Londres, Nova Iorque e IAPI.
"Bandaliera" gravou dois discos, "Pupilas" lançou um
compacto independente, "Astaroth" gravou um LP inde-
pendente. Já a coletânea *Rock Garagem II* investia numa
diversificação maior do que a do primeiro disco, mas o
impacto foi menor. Gravaram "Os Eles", "Produto Urba-
no", "Prize", "Os Bonitos", "Câmbio Negro", "Banda de
Banda", "Atahualpa y Os Panques" e "Spartacus". Havia
rock-humor, pop-rock, *hard rock*, rock'n roll básico,
heavy-metal e MPB *punk* anarquista. "Os Eles" criaram
um rock-deboche comportado, próximo da MPB, jogando
humor e crônica de costumes sobre o cenário nacional.
Esta banda gravou dois LPs, emplacando sucessos como
Silicone e *RU* e acabou. "Atahualpa y Os Panques" foram
mais uma experiência *tecno-punk* caótica de Miranda
com parceiros do "Taranatirica" e "Urubu Rei". Chegaram
a lançar um LP em 93.

Ainda em 85, saiu o primeiro LP do "Taranatirica",
bem executado no rádio e em shows, principalmente com
a música *Rockinho*, gravada no primeiro *Rock Garagem*.
Antes de acabar, em 89, a banda montou uma produção
ágil e eficiente, percorrendo com um show cidades do in-
terior. Naquele ano, também foram lançados os primeiros
compactos dessa retomada roqueira: "Garotos da Rua"
(*Sabe o Que Acontece Comigo*), "Replicantes" (*Nicotina*)
e "Banda de Banda" (*X Galinha*). "Fluxo" e "Frutos da
Crise" lançaram compactos e abriram mercado de traba-
lho. Os "Replicantes" chegaram a criar um selo próprio -
Vórtex. O selo Vórtex foi responsável pelo lançamento de
dezenas de fitas com novas bandas, geralmente gravadas



Enrico Salis

DeFalla



ao vivo, em ensaios, em seu próprio estúdio. Entre elas "Verdruss", "Graforrêia Xilarmônica", "Smog Fog", "Père Lachaise", "Esporte Prá Dois", "Cobaias", "3-D", "A Vingança de Montezuma", "Cóccis", "3 Almas Perdidas" e "Os Rebeldes". Atrás de si, os "Replicantes" viram chegar uma série de outras bandas *punks*, como "Pupilas Dilatadas", "ORTN", "Atraque", "Kadafi" e "Micróbios".

Entre 84 e 85, foram realizados os maiores eventos coletivos do rock porto-alegrense e o salto definitivo de bandas como "Engenheiros do Hawaii" para o sucesso nacional. Em 85, a primeira de uma série de três edições anuais do Rock Unificado colocava mais de 10 mil pessoas no Gigantinho. No mesmo ano, o Rock Sul Concert, também no Gigantinho, colocava lado a lado bandas da capital e grandes nomes nacionais.

De olho na agitação gaúcha, a poderosa gravadora RCA/Victor contratou cinco bandas para o selo Plug e os lançou no mercado nacional, em 86, através da coletânea *Rock Grande do Sul*. "Engenheiros do Hawaii", "De Falla", "Garotos da Rua", "Replicantes" e "TNT" vinham de shows lotados e boa execução nas rádios. Todas gravaram discos solos e transferiram-se para o Rio. "Engenheiros do Hawaii" criaram um pop romântico, bebendo nas águas do *skae* do *reggae*, e iniciaram uma escalada vertiginosa a bordo dos *hits* *Sopa de Letrinhas* e *Segurança*. A partir do primeiro LP, *Longe Demais das Capitais*, emplacaram um sucesso atrás do outro. No final dos 80, era uma das cinco bandas mais populares do pop rock brasileiro, com vários discos de ouro. Na linha rock'n roll voltado às fontes do blues, "Garotos da Rua" alcançaram certa projeção. "Replicantes" mantiveram as bases de seu *punk-hardcore*, fato que aconteceu também com o *rockabilly* sacaninha do "TNT", cujo núcleo gerou outra banda importante: "Cascavelletes". As três conquistaram um bom mercado, além de transitar bem próximas do primeiro time brasileiro. Mas não permaneceram. O "De Falla" optou por caminhos musicalmente mais caóticos, intragáveis para o público médio. Gozou de conceito e mudou dezenas de vezes de cara. Em 93, continuava ampliando mercado em todo país.

A boa receptividade ao rock do sul abriu as portas, em 87, para uma banda que havia saído do nada e estourava com um dos *hits* da temporada: *Camila Camila*. A "Nenhum de Nós", liderada pelo compositor/vocalista Thedy Correa, arrancou um contrato da RCA e se projetou nacionalmente. As coisas passaram a acontecer mais rapidamente. Bandas novas surgiam toda semana, começavam a se inter-relacionar entre duas, três formações diferentes. Sentindo firmeza, a turma do novo rock investiu em shows em Santa Catarina, Paraná, Minas, São Paulo e Rio de Janeiro.

Novas coletâneas e discos independentes foram lançados. *Rio Grande do Rock*, em 87, apresentou "Justa Causa", "Apartheid", "Cascavelletes", "Prize" e "Julio Re-

ny & Expresso Oriente". "Justa Causa" viria a gravar no início dos 90. Julio Reny registrava sua primeira música em vinil depois de emplacar meia-dúzia de *hits* no rádio e lançar uma conceituada fita independente. Dissidentes do "TNT", Flávio Basso e Nei Van Sória montaram o "Cascavelletes" com Frank Jorge (ex- "Prisão de Ventre") e fizeram sucesso com *Menstruada*, espécie de *rockabilly-pornô* que misturava "Beatles" e "Clash" com humor sádico e romantismo escrachado. Lançaram dois LPs e um *single-disc*, com sucessos como *Morte Por Tesão*, *Jessica Rose* e *Sob um Céu de Blues*. Quando se desfez, Van Sória seguiu carreira solo e Frank Jorge foi dedicar-se à "Graforrêia Xilarmônica". Outra banda que se destacou na ninhada foi a "Rosa Tatttooad", fazendo um *hard rock* com pose, estilo "Guns'N Roses".

Lançariam trabalhos inovadores e interessantes no final dos 80, ainda, "Barata Oriental", "Colarinhos Caóticos" e "Dedé e Os Ajudantes". A "Barata", liderada pelo vocalista/letrista Nenum, chegou de São Leopoldo a bordo de um dos LPs independentes mais comentados de 88, fazendo um rock'n roll simples e objetivo, com letras bem estruturadas e uma ortografia diferente. A "Colarinhos Caóticos", do guitarrista Egisto Ophodge, também lançou um LP pelo selo próprio Purnada Y pranada, misturando Frank Zappa, "Bauhaus", "Van Halen" e outras influências num *hard rock* caótico. "Dedé e Os Ajudantes", do cantor e compositor Dedé Moreno, um dos raros grupos do linha *funk-rock*, lançou *Filme Comum* pela RCA/Victor e conseguiu boa receptividade. "Off The Wall" (*surf-music*) e "Tilt" (fusão de *funk*, *dance*, *rap* e *rock*) reafirmavam, em LPs independentes, que os 90 seriam abertos a propostas de buscar o relacionamento do rock com todo tipo de música.

Uma das correntes mais fortes, a partir do final dos 80, foi a do rock pesado. No caminho aberto por "Astaroth" e "Leviaethan" e, principalmente, após o sucesso internacional da banda mineira "Sepultura" (cantando em inglês), o rock pesado tomou fôlego. Mais de uma dezena de bandas entraram em cena em Porto Alegre. "Panic" e "Gladiator" estrearam seu *trash-metal* em LPs independentes e abriram caminhos ao lado do "Leviaethan", "Elektra", "Crisium" e "666", a maioria compondo em inglês e buscando mercados paralelos. Organizado, o segmento dos metaleiros armava shows em São Paulo, Curitiba, Florianópolis, Rio e Belo Horizonte.

Completaram a discografia do rock porto-alegrense, no limiar dos 90, quatro coletâneas, sendo três expressivas: *Paranóia Suicida* (selo Sulcos Suicidas) trouxe sete bandas *punks* ("Vômitos e Náuseas", "Ratos do 3º Mundo", "Sub Vida", "N.D.A", "Jack e Os Estripadores", "Insanidade" e "Pupilas Dilatadas"); *Porto Reggae* registrou quatro representantes do *reggae* ("Motivos Óbvios", "Produto Nacional", "Bebeto Alves Troupe" e "Facção Brasil") numa gravação ao vivo; *Geração Rock* marcou a estréia

do selo Som Art lançando doze bandas ("Borboleta Negra", "Quarto Poder", "Bad Flowers", "Silêncio Oculto", "Última Gota", "Rockanilha", "Arte e Manha", "Cinema", "Puberdade", "Hedera Helix", "Silueta Sonora" e "Criado Mudo").

NOTA 1 - Os anos 80, finalmente, consolidaram o mercado do rock no Brasil e no Rio Grande do Sul. A turma dos 80 pegou a estrada já asfaltada pela dura batalha da turma dos 70. Uma turma que, em Porto Alegre, pagou para conseguir tocar bem, aparelhar-se e buscar as últimas novidades. Nos 80, o rock finalmente tornava-se profissional.

Anos 90

A última década do século XX iniciou movimentada em Porto Alegre. Os espaços, como sempre, são insuficientes para desaguar a intensa e variada criação. Mesmo assim, Porto de Elis, Opinião, Ocidente, Auditório Araújo Vianna e pequenos bares espalhados pela cidade abrigam ramificações. As novas bandas buscam sonoridade própria, trabalham com tons quebrados, politonalismo, fundindo o erudito e o brega, *rap*, *rockabilly*, *soul*, *funk*, *hardcore* e *heavy metal*. O Projeto Segunda Sen Ley, no Porto de Elis, abrigou dezenas de bandas. A Garagem Hermética surgiu como palco para as bandas, ocupando o espaço que fora do Ocidente nos anos 80.

A banda "Graforrêia Xilarmônica" propôs Jovem Guarda com música regionalista, Chacrinha com "Mutantes", música atonal e politonalismo, letras *non sense* e sacanagem. Seus músicos tinham formações distintas, da bossa-nova ao clássico e rock pesado: Frank Jorge (ex-



Capa do LP "Cidadão Quem".



Rosa Tattooda

"Prisão de Ventre" e "Cascavelletes"), Carlo Pianta (ex-"DeFalla"), Alexandre Ograndi e Marcelo Birck (ex-"Prisão de Ventre"). Todos transitaram por várias bandas paralelas, como "Père Lachaise", "Coupe de Ville", "Assubék" e "Os Marmanjados". Em seguida, Birck montou a "Aristóteles de Ananias Jr.", banda da mesma linhagem esquisita e descompromissada da "Graforrêia".

"Acústicos & Valvulados" e "Barba Ruiva & Os Corsários" trouxeram de volta topetes, gomalina e jaquetas de couro para fazer um *rockabilly* anos 50, misturando "Stray Cats" e "Clash" com guitarras e baixo semi-acústicos, bateria só com bumbo, caixa e prato. "Rosa Tattooda" seguiu a linha do gliter norte-americano, buscando um *hard* rock com purpurina e sensualidade. Lançou um LP pela ACIT em 91 e, em seguida, foi contratada pela Sony que remixou e relançou o disco para todo país. Aproximando-se do pop rock bem elaborado que já facilitara a vida dos "Engenheiros do Hawaii", a "Cidadão Quem", do guitarrista Duca Leindecker, saiu com o LP *Outras Caras*, fazendo um *hard* rock pesado, mas melódico, com influências em "Van Halen" e no argentino Charly Garcia.

Em 92, surgiu o selo Antídoto, da gravadora ACIT, para investir no rock. O selo iniciou uma nova estratégia há muito reivindicada pelo mercado: o *singledisc*, vinil em formato de LP, mas com apenas duas ou três faixas. As bandas "Procurado Vulgo", "Bandida" e "Elektra" foram as primeiras lançadas. O futuro do selo, porém, é incerto. Com dificuldade para absorver centenas de trabalhos, a capital gaúcha assiste aos artistas se virarem para firmarem-se no mercado. Em 93, por exemplo, nada menos que dezesseis bandas novas se lançaram na fita independente *Sha La La Soundtrac*, da Krakatoa Records. Entre eles, "Pura Sangre", "Tequila Baby", "Plato Divorak Group", "Molly & Guppy", "Vernom Walters", "Vulgo Valenti", "Lorenzo y La Nota Falsa", "Solon Fishbone e Los Cobras", todos com estilos diferentes.

Praticamente inexistentes até o final dos 80, o reggae e o *rap* dão as caras. A turma do reggae lançou a



coletânea independente *Porto Reggae*, gravada ao vivo no Araújo Vianna, em abril de 91. O disco registrou a paixão de Bebeto Alves pelo som jamaicano, o ska branco da "Facção Brasil", o reggae mais pop da "Produto Nacional" e o *mainstream* da "Motivos Óbvios", liderada pelo letrista e vocalista Geda. A turma do *rap*, filha dos bailes *funks* da periferia, está registrada em dois discos do grupo "J. Clip": *Rap do Sul* e *Tenha Consciência*.

Esta história não ficaria completa se não considerasse a crescente corrente do rock instrumental, muito bem representada por trabalhos sérios e competentes de Frank Solari, Richard Powell, Duca Leindecker e outros. Uma geração de excelentes músicos que recupera e consolida - o rock sustentado na guitarra. Solari detém, em 93, um prestígio invejável. Abriu a turnê brasileira para Bob Dylan ao lado de Duca Leindecker, tocou nos Estados Unidos - onde foi matéria de revistas importantíssimas, como a *Guitar Player* - e, em 93, aprontou seu primeiro disco solo.

A década de 90 representou a consolidação da música gaúcha em vários segmentos. No pop rock não foi diferente. O mercado interno tem consumido o trabalho de vários grupos florescentes e, conseqüentemente, estimulado o surgimento de outros. Os grupos estabelecidos na década de 80 e que tiveram fôlego para permanecer, como os "Engenheiros", o "Nenhum de Nós", o "DeFalla" e os "Replicantes" vão seguindo seu caminho com naturalidade. Já os novos, como o "Comunidade Nin-Jitsu", o "Ultramen" ou os "Acústicos & Valvulados" encontram na era do vídeo clip uma possibilidade de ascensão nacional até então inimaginável. Investem nesta seara e colhem resultados. O velho e bom rock'n'roll ganhou contornos de *world music*, incorporando-se ao que se diz "pop internacional". O resultado disto é que os novos grupos, apesar de manterem cada qual seu estilo, passeiam sem dificuldade pelo *hip hop*, reggae, jazz e outros gêneros ditos "étnicos", produzindo coisas que dificilmente lembrariam "Bill Halley e seus Cometas". Esta é a dinâmica da música mundial (e também da economia, da política, da arte em geral...). O debate que se estabelece é justamente até que ponto a globalização (termo tão em voga nestes dias) destruirá ou construirá (ou fará as duas coisas ao mesmo tempo) as culturas peculiares de cada povo. O rock, cosmopolita por excelência, há muito já perdeu os defensores do culto às raízes. O Rio Grande do Sul surge neste cenário como um dos poucos lugares do mundo em que se pratica a modalidade. Até que ponto isto é verdade ou folclore, ainda será tema de muito debate. Uma característica, porém, é inerente ao povo gaúcho: a resistência à ação globalizante. Esta idiossincrasia aparece em vários momentos da história gaúcha e em diversos setores. A resistência ao poder central brasileiro, o pretensão "conservadorismo" (que pode ser também lido como

"preservacionismo") dos tradicionalistas da música regional e, enfim, tudo aquilo que faz o nosso estado tão diferenciado (para o bem e para o mal), age também sobre os aportes culturais advindos da cultura de massas de todo o planeta, metaboliza e reconstrói. Terá, esta característica, uma ação intelectual capaz de recriar um rock original com ou sem "roll"? O século XXI, provavelmente, nos trará a resposta (ou não, fique bem claro).

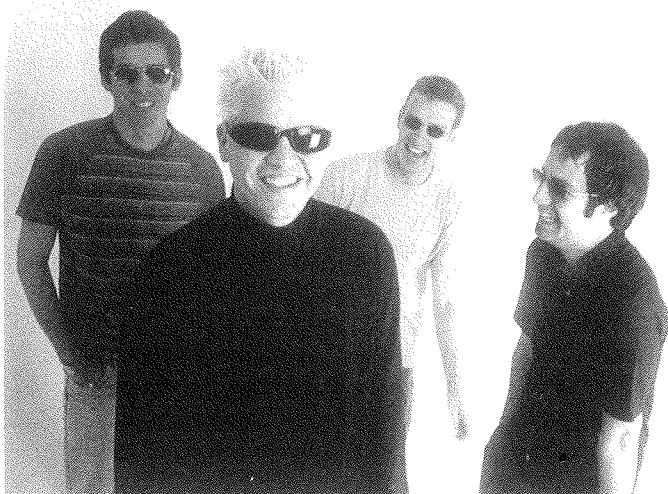
Replicantes



Em 2001, "Os Replicantes" lançam um CD com o sugestivo e esclarecedor título de *A Volta dos que não Foram*. Seria o primeiro de músicas inéditas em dez anos. Realmente esta banda nunca saiu totalmente de cena, desde a sua criação, em 1983, por Gerbase e os irmãos Cláudio e Eron Heinz. Mais tarde, houve a adesão de Wander Wildner e, com esta formação, gravaram a iconoclasta *Nicotina*, em quatro canais. Ganham as rádios com aquele escracho (que seria uma das marcas da banda) e começaram a surgir os shows. Contabilizam, até o ano 2001, um compacto duplo de 1985, *Os Replicantes*; um LP de 1986, *O Futuro é Vórtex*; outro de 1987, *Histórias de Sexo e Violência*; em 1989, *Papel de Mau*; em 1991, *Andróides Sonham com Guitarras Elétricas*; uma coletânea de 1996 e o mais recente, *A Volta...*. Formada por caras extremamente criativos, "Os Replicantes" são marca histórica do pop rock gaúcho, que dificilmente pode ser enquadrado em tempo ou gênero. Fala-se em *punk* ou *hardcore*. Talvez isto tudo, com muito humor e inteligência.

Acústicos & Valvulados

Em 1991, a rapaziada passou a se reunir no estúdio caseiro "Bafo de Bira", onde gravaram *demo tapes* que logo ganharam espaço nas rádios locais. Apareceram na



MTV, a convite do VJ Thunderbird e, a partir daí, abriram caminho em São Paulo e Paraná. Em 94, emplacaram quatro músicas na coletânea *Chá das Quatro* (Antídoto) e, em 95, o clip de *Dynamite* os levou à finalíssima do concurso de vídeos da MTV. Em 96, saiu o primeiro CD pela Paradoxx, *God Bless You Ass* e, depois de participarem de novas coletâneas, lançaram em 1999 o CD homônimo que alcançou a marca de 50 mil cópias vendidas e os levou a realizar mais de 200 shows por todo Brasil. Em 2000, este disco ganhou distribuição nacional pela Abril Music, e a banda vem conquistando espaços nos programas de maior alcance da mídia nacional. A formação atual é Rafael Melenotti (voz e guitarra), Paulo James (bateria), Roberto Abreu (baixo) e Alexandre Móica (guitarra).

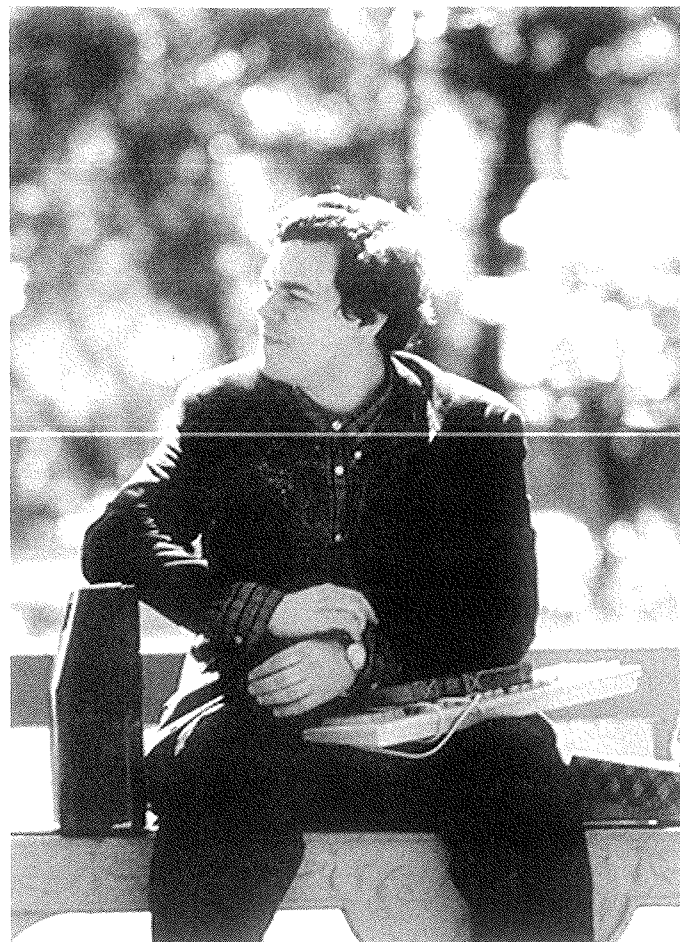
Ultramen

Em 1991, Pedro e Zé, colegas de faculdade, juntam-se com Júlio, Tonho, Malásia e Peru. Já em 1992, fazem vários shows no Porto de Elis, angariando um público fiel.



A partir da gravação de sua primeira *demo tape*, em 94, passam a tocar nas rádios e fazem a abertura de shows de bandas como "Os Raimundos" e "Planet Hemp". Apresentam-se em muitos shows por vários estados e, em 96, gravam seu primeiro CD independente; em 98, outro CD pela gravadora Rock It!, com o qual conquistam o Prêmio Açorianos de Melhor Grupo Pop Rock. A banda "Ultramen" já é uma realidade regional e uma boa promessa de sucesso nacional.

Frank Jorge



Nascido em Porto Alegre, a 20 de setembro de 1966, Frank é um dos bons compositores da nova geração pop. Formado em Letras, em 1993, foi integrante e responsável por boa parte do repertório de bandas importantes, como "Os Cascavelettes", "Graforrêia Xilarmônica" e "Cowboys Espirituais". Tem três Prêmios Açorianos no currículo: Melhor Banda, em 1995, com a "Graforrêia Xilarmônica" e Melhor Compositor em 98 e 2000. Frank é um daqueles caras que nunca tem tempo de sobra; pudera, faz trilhas para cinema, vídeo clips e campanhas publicitárias; é radialista e apresentador de TV, produtor



musical e diretor artístico de vários grupos. Em 2000, lançou seu primeiro livro "Realidades e Chantillys Diversos", pela Artes & Ofícios. Começa a ter seu talento de compositor expandido pelas gravações de suas canções por vários artistas como Pato Fu, Wander Wildner e "Hard Working Band". Grande parceiro de Júlio Reny (ver fascículo específico), Frank deixou os "Cowboys Espirituais", em 2000, para lançar-se em carreira solo com o disco *Carteira Nacional de Apaixonado*, granjeando muitos elogios. Trata-se de um grande agitador cultural em várias áreas e, como compositor, não é mais uma promessa, e sim uma realidade estabelecida.

Bidê ou Balde



A banda apareceu na exata virada do século XX para o XXI. Presságio ou coincidência? Carlinhos, Vivi, Rossato, Sá, André, Kátia e Pedro são jovens que produzem um som bem-humorado e performances vibrantes. Têm atingido a mídia nacional, depois de uma ascensão meteórica no cenário pop do Rio Grande do Sul, com o

disco *Se Sexo é o que Importa, só o Rock é Sobre Amor*. Identificam-se, declaradamente, com o "Ultraje a Rigor", e dizem que o negócio é festa. Com o vídeo clip de *Melissa*, ganharam o Prêmio Revelação da MTV. Estão na berlinda, bem perto da confirmação pelo público e com elogios e algumas refregas com a crítica, naturais quando alguém larga com força na carreira.

Comunidade Nin-Jitsu



A banda preferida do jornalista e historiador Eduardo Bueno, o "Peninha", começou em 1995. Foram trabalhando "sem stress" até que suas músicas começaram a tocar nas rádios do sul, e o *demo-clip Detetive*, foi premiado pela MTV, em 1997. Partiram, então, para a profissionalização e, em 1998, lançaram o álbum independente *Branças Legais*, que esgotou a pequena tiragem em menos de um mês. Em 99, o disco voltou às lojas pelo selo Rock It! e virou fenômeno. Várias músicas emplacaram e *Merda de Bar*, chegou a permanecer por dez semanas como a mais pedida da Rede Atlântida. Produziram mais cinco vídeos clips e, no ano 2000, o CD vendeu 30 mil cópias, o que valeu um contrato com a Sony Music. Lançaram, então, o CD *Maicou Douglas Syndrome*, masterizado em Londres, que em poucos meses emplacou mais 25 mil cópias. Têm sido elogiados por jornais do centro do país como O Globo, Jornal do Brasil, Estado de SP e pelas revistas especializadas Show Bizz, Trip e Sucesso CD. A ascensão da "Comunidade Nin-Jitsu" traduz-se no fato de ser, hoje, um dos grupos pop de maior público no estado.

Obs: ver mais sobre este assunto em fascículos específicos de Humberto Gessinger, Júlio Reny, Nenhum de Nós, Papas da Língua, Bebeto Alves, Nei Lisboa e A Novíssima Geração.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") /Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleiton & Kledir (especial) **	- Cuías
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipa
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

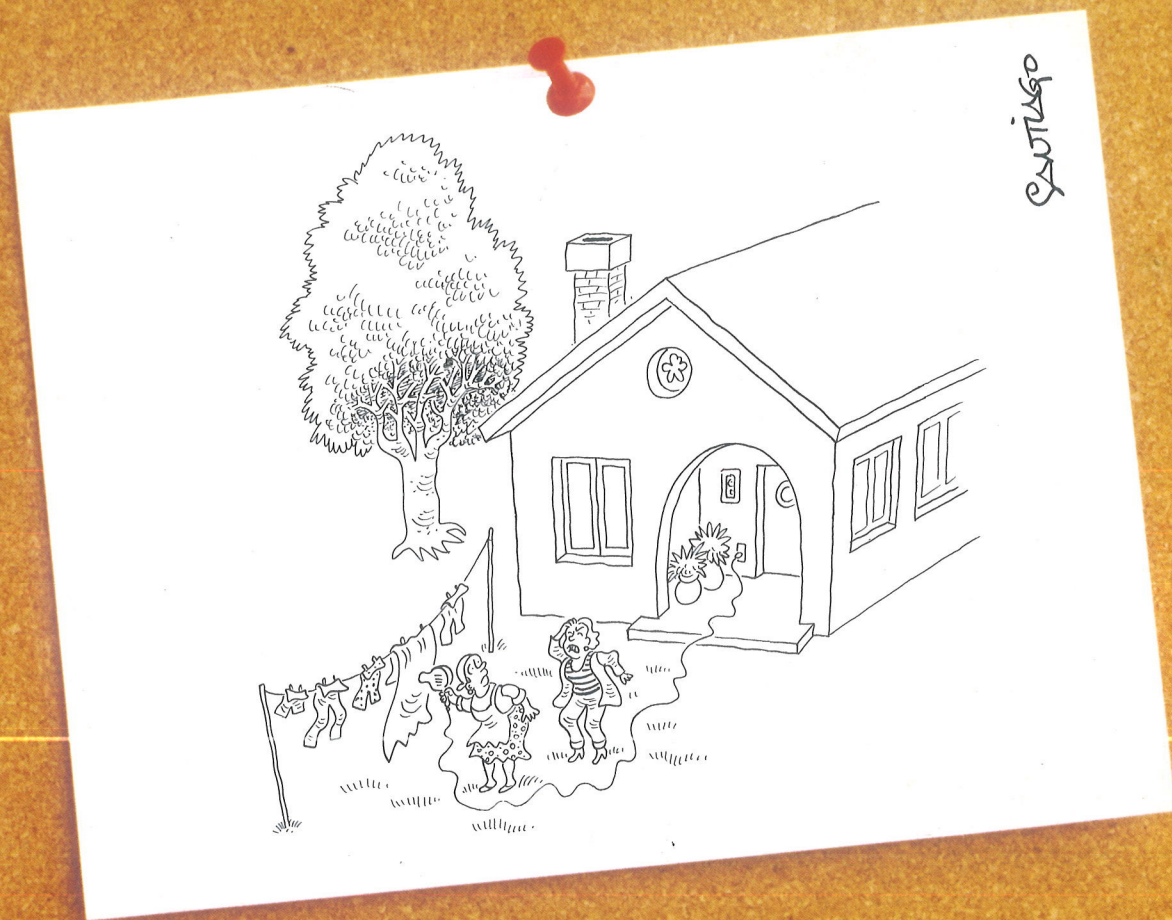
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou poprock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleiton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



CEEE

www.ceee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura